

O cortiço das mulheres: classe, raça e gênero em *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, e nos jornais contemporâneos

The women's slum: Class, race and gender in *O Cortiço* (The Slum), by Aluísio Azevedo, and in its contemporary newspapers

Daniela Magalhães da Silveira*

Resumo: O artigo analisa fontes literárias e jornalísticas, com atenção especial para jornais que circularam no Rio de Janeiro em 1890, mesmo ano de publicação do romance *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo. Por meio do cruzamento de vários jornais pertencentes à “grande imprensa” ou “imprensa comercial”, verifiquei os posicionamentos, geralmente de homens brancos, diante de histórias de crimes que envolviam mulheres que exerciam o ofício de lavadeiras. Foi importante observar os títulos das notícias e a inserção de artifícios literários para a construção das narrativas jornalísticas. Desse modo, foi possível saber que, apesar de haver uma insistência pela divulgação de características associadas ao perigo que aquelas mulheres supostamente carregavam, a polifonia da imprensa prevalecia. Em conjunto com essa análise, o romance de Aluísio Azevedo serviu para evidenciar como um mesmo público poderia acessar narrativas que permitiam vislumbrar a vivência de mulheres pobres, trabalhadoras, imigrantes e descendentes de pessoas escravizadas. Eram mulheres e personagens que lutavam por direitos considerados justos, como a manutenção do trabalho, da família e da casa, mesmo quando a divulgação de uma visão positiva para elas não parecia ser o objetivo final daqueles homens de letras.

Palavras-chave: trabalho feminino; criminalidade; imprensa e literatura; *O Cortiço*; Aluísio Azevedo.

Abstract: This paper studies literary and journalistic sources and focuses on newspapers which circulated in Rio de Janeiro in 1890, the same year of the publication of the novel

* Doutora em História pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professora do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), com atuação no curso de graduação em História, no ProfHistória e no PPGHI. E-mail: danielasilveira@hmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6729-6534>.

O Cortiço (The slum) by Aluísio Azevedo. Through a cross-analysis on a series of newspapers concerning the “main media” or the “commercial media”, I verified the stances, generally written by white man, on stories of crimes involving washerwomen. Throughout the research it was important to observe the titles of the news as well as the use of literary artifice to build the journalistic narratives. As a result, it was possible to perceive that, despite an insistence in portraying those women according to features associated to the danger they supposedly carried, the polyphonic perspectives of the press prevailed. In conjunction with this analysis, Aluísio Azevedo’s novel afforded evidence on how the public could access narratives which perceived the lives and experiences of poor working women who were also workers, migrants, and descendants of enslaved people. Even when the diffusion of positive perspectives on those women did not seem the final goal of the men of letters, these were woman who fought for what they considered as rights, such as stability of work, family, and housing.

Keywords: female labor; criminality; press and literature; *O Cortiço*; Aluísio Azevedo.

O crime da ladeira do Barroso

“**J**OANNA INNOCENCIA DE LIMA, casada com Cypriano José de Lima, tinha relações adulterinas com Manuel Fernandes da Silva”. Esta frase dava início à coluna “Jury” da *Gazeta de Notícias* de 20 de maio de 1891. Leitores e leitoras bons de memória talvez se lembrassem de que o “Crime de homicídio” em julgamento havia ocupado vários dias de atenção de diferentes títulos de jornais nos idos de 1890. Ocorreria, no entanto, a mudança de tratamento ao caso na página do jornal nesse segundo momento. Em julho de 1890, quando acontecia a investigação, o título usado pelo mesmo jornal foi “Assassinato”, sendo que as notícias acompanhavam as incertezas sobre como teria ocorrido o crime, com transcrições de depoimentos, laudo de autópsia e lances inesperados, por meio de uma linguagem que mesclava termos médicos, jurídicos e um formato que valorizava o suspense. Quase um ano depois, tínhamos o desfecho, num espaço com menor apelo literário.

Conforme podemos observar, no entanto, por meio da frase citada anteriormente, antes de o redator reproduzir o interrogatório conduzido pelo juiz à ré, recebemos o primeiro artefato condenatório elaborado pela imprensa: não se tratava de uma mulher considerada “honesta”, mas de uma “adúltera”. Depois de concluído o processo de investigação, parecia já não haver mais dúvida de quem havia assassinado Manuel ou, conforme era mais conhecido, João Fernandes de Lima.¹ Coube então a Joanna, naquele momento, explicar qual o móvel do crime. Com resultado apertado, a mulher foi absolvida pelo “voto de

1 Segundo o depoimento de Maria Madalena de Jesus, irmã do homem que fora morto, e transcrito na *Gazeta de Notícias*: “o falecido usava o nome de seu irmão João Fernandes, que atualmente reside em Maricá, por motivo que lhe é completamente estranho, mas que pode afirmar que o falecido chama-se Manuel e não João.” ASSASSINATO. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 3, 20 jul. 1890.

Minerva”, com a alegação de tratar-se de “força irresistível”.² Clássicas são as investigações historiográficas sobre crimes cometidos pela classe trabalhadora.³ Quando quem empunha a arma era a mulher, alguns padrões já foram elencados, como a tentativa delas de se afirmar como vítimas, com suas ações violentas sendo explicadas como resposta aos maus-tratos sofridos.⁴ A maior parte dessas pesquisas resultou de trabalho meticuloso com processos criminais.

Aos poucos, estamos avançando também em pesquisas comprometidas com a análise de histórias de crimes publicadas na imprensa.⁵ Este artigo, portanto, busca entender como a reprodução de um mesmo caso, em vários títulos de jornais, teve a pretensão de construir uma forma única de perceber a vida de mulheres pobres e moradoras de cortiços no Rio de Janeiro. São narrativas que usaram artifícios literários, como a exploração do suspense, por exemplo. Publicadas em concomitância ao romance *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, podem ser percebidas como tentativa de intervenção no tempo vivido. A análise de um conjunto de fontes, sejam jornalísticas ou literárias, colabora com discussão mais ampla sobre as lutas cotidianas de mulheres pobres e trabalhadoras para a manutenção daquilo que acreditam como direito delas no findar do século XIX.

Vejamos, portanto, as relações de amizade e vizinhança estabelecidas por Joanna Innocencia de Lima e reveladas em depoimentos minuciosamente transcritos pela *Gazeta de Notícias*,⁶ *Jornal do Commercio*,⁷ *O Paiz*⁸ e o *Diário de Notícias*.⁹ Iniciado o inquérito, foram ouvidas, no primeiro dia, cinco mulheres e cinco homens. Nenhum deles presenciou o crime, sendo assim, as falas giravam em torno do caráter moral da mulher e das relações estabelecidas com a vizinhança. Dentre aquelas dez pessoas, duas delas afirmaram não ser brasileiras e pareciam ser as que mais elementos possuíam para a construção de suas próprias visões sobre o crime. Antônio João Delgado, 39 anos, natural de Cabo Verde, era casado com uma irmã de Joanna. Informou ser barbeiro e que conhecera a vítima em seu local de trabalho. Acrescentou, ainda, que a cunhada possuía um “procedimento suspeito, por isso que tinha quase certeza de que ela era infiel a seu marido, de quem se

2 CRIME de homicídio. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 20 maio 1891. Jury, p. 1.

3 Ver, entre outros, CHALHOUN, Sidney. **Trabalho, lar e botequim**: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da *Belle Époque*. 2ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2001. KALIFA, Dominique. **A tinta e o sangue**: narrativas sobre crimes e sociedade na *Belle Époque*. São Paulo: Editora da Unesp, 2019.

4 Ver, entre outros, ESTEVES, Martha de Abreu. **Meninas perdidas**: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da *Belle Époque*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989. CAULFIELD, Sueann. **Em defesa da honra**: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940). Campinas: Editora da Unicamp, 2000. RINALDI, Alessandra de Andrade. **A sexualização do crime no Brasil**: um estudo sobre criminalidade feminina no contexto de relações amorosas (1870-1940). Rio de Janeiro: Mauad, 2015.

5 ENGEL, Magali Gouveia. Paixão, crime e relações de gênero (Rio de Janeiro, 1890-1930). *Topoi*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 153-177, jan.-dez. 2000. PORTO, Ana Gomes. **Crime em letra de forma**: sangue, gatunagem e um misterioso esqueleto na imprensa do prelúdio republicano. 2003. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, Campinas, 2003.

6 *A Gazeta de Notícias* acompanhou o caso nos dias 20/07, 21/07 e 27/07/1890, sempre com o título “Assassinato” e, no dia 20/05/1891, o caso apareceu na seção “Jury”, com o título “Crime de homicídio”.

7 *O Jornal do Commercio* acompanhou o caso nos dias 19/07, 20/07 e 21/07/1890, sempre com o título “Crime da ladeira do Barroso”.

8 *O Paiz* acompanhou o caso nos dias 19/07, 20/07 e 21/07/1890, sempre com o título “Negra tragédia”.

9 *O Diário de Notícias* acompanhou o caso nos dias 19/07, 20/07 e 21/07/1890, sempre com o título “A facadas”.

achava separada, sendo o falecido um dos seus amantes”. Embora estivesse “separada”, Joanna continuava sendo classificada como “infidel a seu marido”, o que a tornava suspeita. Por outro lado, segundo esse mesmo depoente, o “marido de Joanna é homem de bons costumes e trabalhador”. Parecia haver ali muito mais do que uma espécie de camaradagem entre os dois homens, mas o desejo de Antônio de reafirmar suas relações apenas como um homem trabalhador e se afastar da possível criminosa. Ao fazer esse movimento, o próprio Antônio tentava escapar da possibilidade de ter o seu nome envolvido com a querela.

Os outros depoentes do sexo masculino arrolados no processo, com depoimentos transcritos pelos jornais, embora tenham sido mais sucintos, também oferecem elementos para a compreensão do encaminhamento dado ao caso. Porfírio Luiz da Costa afirmava conhecer a acusada, mas alegou não ter nada a dizer quanto ao “procedimento de Joanna”; assim como Manoel Alves da Silva. João Antônio conhecia, de vista, apenas o falecido. Enquanto José Thomaz dizia ter conhecido tanto o homem falecido como também Joanna, não sabendo nada sobre o “lar doméstico” dela, “supondo ser ela de boa conduta”. Interessante observar como esses homens pareciam aptos ao lugar de depoentes, mesmo sem qualquer conhecimento efetivo sobre o crime e nem mesmo sobre a vítima e a acusada. Acabaram seguindo protocolo muito semelhante de reflexão sobre a conduta moral de Joanna.

A outra depoente estrangeira era Margarida Gonçalves, 40 anos, natural do Paraguai. Joanna e Margarida residiam na mesma casa, embora a última alegasse conhecer a investigada havia pouco tempo. Em seu depoimento, Margarida contava sobre o momento do crime, usando expressões que remetiam à sua vontade de demonstrar não ter qualquer envolvimento com o assassinato. Dizia ter “medo de envolver-se”, que fora movida pelo “susto”; estando “aterrorizada com aquela cena” e “assustada”. Por mais que houvesse àquela época um protocolo de produção de depoimentos, com frases que se repetiam em falas de diferentes pessoas,¹⁰ além da própria interferência tanto do escrivão quanto do redator da notícia, precisamos considerar que era justa a necessidade de Margarida de tentar se defender, mesmo não sendo ela acusada de nada. Embora o final do século XIX tenha sido marcado por uma crescente circulação de pessoas, assim como afirma Cristiana Schettini Pereira, muitos estrangeiros terminaram expulsos do país, acusados de anarquistas e caftens, mas também de serem “vagabundos, vigaristas e ladrões”.¹¹ Desse modo, Margarida certamente estava na mira do controle policial.

Além de Margarida, depuseram também Deolinda Maria da Conceição, 42 anos, que afirmava não conhecer nada que desabonasse a vizinha, julgando-a, portanto, “incapaz

10 GARZONI, Leric. **Vagabundos e conhecidas**: novos olhares sobre a polícia republicana (Rio de Janeiro, início século XX). 2007. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007. p. 60.

11 PEREIRA, Cristiana Schettini. Exploração, gênero e circuitos sul-americanos nos processos de expulsão de estrangeiros (1907-1920). **Tempo**, Rio de Janeiro, n. 18 (33), p. 55, 2012.

de fazer mal a pessoa alguma”. Sobre o marido de Joanna, Deolinda dizia ser “homem trabalhador e de bons costumes”. Ambrozina Correa da Costa, 19 anos, nada sabia sobre o fato e Maria Esteves da Conceição soube do ocorrido pelos jornais. Sendo assim, tanto homens como mulheres centraram seus depoimentos na conduta de Joanna e no fato de o marido dela ser trabalhador. Sobre Joanna também ser trabalhadora, apenas José Thomaz fez referência, indicando que a conhecia “por ser ela quem lavava sua roupa e a das pessoas de sua família”.

A leitura contrastada da transcrição desses depoimentos chama atenção sobre como mulheres estrangeiras envolvidas numa cena de crime precisavam acionar elementos relacionados não apenas à conduta moral, como também ao trabalho. Nesse sentido, é importante acompanhar as alterações sofridas em momentos diferentes de fala da própria Joanna. Em seu primeiro depoimento, Joanna Innocencia de Lima, natural de Assunção, 28 anos, disse que estava engomando roupas na sala e, ao conferir a origem de um barulho vindo do corredor, deparou-se com um homem morto, não sabendo explicar a origem de objetos provavelmente relacionados ao crime e encontrados na casa dela. Em seu segundo depoimento, a lavadeira revelou o relacionamento com o assassinado, afirmando ter sido ele o causador da sua separação. Esta separação, no entanto, fora revertida havia cerca de quatro meses. Sendo que João Fernandes da Silva a procurou naquele dia justamente para avisá-la de que estava de partida e que “não queria deixar a depoente com o marido”. Joanna relatou ter passado por seguidos momentos de agressões físicas, até que “em sua defesa tomou da mão do mencionado João Fernandes da Silva a faca aludida e cravou-a no peito do referido João Fernandes da Silva”. Ficava assim revelada a autoria do crime. Então, temos uma fala inicial em que Joanna estava apenas trabalhando em casa e não sabia o que ocorrera do lado de fora. Em seguida, vemos a mulher revelando desavenças conjugais. Até, finalmente, diante do júri, encontrarmos os seguintes acréscimos: ao se referir a João Fernandes, Joanna afirmava não estar “disposta a sustentar homem algum”; e ainda que havia se aborrecido dele “por ter se tornado vadio, jogador e ébrio, a ponto de chegar uma vez em casa quebrando a louça e tudo quanto encontrava”.

Por mais que esses depoimentos produzidos por Joanna Innocencia tenham sofrido interferência masculina, com o propósito de livrá-la da cadeia ou mesmo de reduzir a pena que ela deveria cumprir, mulheres trabalhadoras domésticas sabiam como a imagem delas estava fortemente ligada ao perigo e à criminalidade, sendo que a imprensa teve um papel fundamental nisso.¹² Portanto, a necessidade de se associar à ideia do trabalho, e mostrar como a vítima era exploradora e violenta. Esse, aliás, não foi um recurso inventado nas

12 PEÇANHA, Natália Batista. Que liberdade? Uma análise da criminalização das servidoras domésticas cariocas (1880-1930). **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 66, p. 4, 2019. SOUZA, Flavia Fernandes de. **Criados, escravos e empregados: o serviço doméstico e seus trabalhadores na cidade do Rio de Janeiro (1850-1920)**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2019. BARRETO, Mariana Leão de Aquino. Gênero e raça no trabalho doméstico livre em Salvador em fins do século XIX: o surgimento de uma classe fatalmente segmentada. **Revista Mundos do Trabalho**, Florianópolis, v. 10, n. 20, p. 81-102, 2019.

delegacias e tribunais republicanos, mas já acompanhava a argumentação feminina, pelo menos desde quando africanas minas envolvidas em disputas conjugais “procuravam mostrar evidências de seu bom comportamento, pois assim ressaltavam os injustos maus-tratos que recebiam dos cônjuges”.¹³

Os jornais reproduziam em suas colunas trechos de depoimentos, reafirmando a ideia da mulher trabalhadora doméstica, envolvida em situações de violência, que acionava velhos discursos em sua defesa. Discursos esses que pareciam requeitados por advogados e juízes, numa República que, ao contrário daquilo que desejam, não estava muito distante de um Brasil imperial e escravista. Mas essa imprensa pode nos oferecer muito mais pistas para a compreensão de práticas de controle social e do seu avesso imediato: ou seja, de autonomia feminina.

Até aqui, este artigo reproduziu trechos da *Gazeta de Notícias*, que havia intitulado a notícia apenas com um singelo “Assassinato”. No entanto, outros jornais começaram aquela cobertura, ainda no dia anterior, e com títulos que merecem a nossa atenção. O *Jornal do Commercio* escolheu “Crime da ladeira do Barroso”, o *Diário de Notícias* “A facadas” e *O Paiz* optou por “Negra tragédia”. Essa linguagem fazia parte de um movimento da imprensa dos últimos anos do século XIX e primeiros do XX de, por meio de avanços tecnológicos, alcançar um número ainda maior de pessoas. Assim, empresas jornalísticas passavam a abrigar profissionais que tinham seus empregos e salários atrelados à vendagem da folha. Para alcançar êxito, o crime ocupou “lugar de honra na produção impressa”.¹⁴ Alguns formatos se tornaram modelos seguidos amplamente. Quando se tratava de “crimes contra a honra”, alguns artifícios eram acionados, de modo a tornar a mulher ora possuidora de um sangue frio descomunal, ora vítima incapaz de reagir a quaisquer agressões.

Assim eram formuladas notícias que passaram a ser reconhecidas como “crimes sensacionais”. Apenas alguns anos depois do crime que viemos acompanhando, Lima Barreto deu início à publicação do seu *Recordações do escrívão Isaías Caminha* (1907), com interessante relato sobre a confecção dessas notícias.¹⁵ Segundo o literato, esses crimes monopolizavam a atenção da cidade. Os boletins, com letras garrafais, eram pregados à porta da redação e faziam juntar uma multidão estacionada em frente ao jornal. Era o prenúncio da venda de “mais de mil ou dois mil exemplares”. Para essas notícias, era importante a escolha do título e a redação da “cabeça”, definida pelo literato como as “considerações que precedem uma notícia”.

13 FARIAS, Juliana Barreto. **Mercados minas**: africanos ocidentais na praça do mercado do Rio de Janeiro (1830-1890). Rio de Janeiro: Arquivo Geral da Cidade do Rio, 2015. p. 202. Ver também: SILVA, Maciel Henrique Carneiro da. **Nem mãe preta, nem negra fulô**: histórias de trabalhadoras domésticas em Recife e Salvador. Jundiá: Paco Editorial, 2016.

14 KALIFA, Dominique. Jornalistas, romancistas e literatura criminal no século XIX: o exemplo de Georges Grison. In: LUSTOSA, Isabel; OLIVIERI-GODET, Rita (org.). **Imprensa, história e literatura**: o jornalista-escritor. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa: 7Letras, 2021. v. 2, p. 19.

15 BARRETO, Lima. **Recordações do escrívão Isaías Caminha**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2010.

Exercício interessante, então, seria buscar a “cabeça” da notícia do assassinato cometido pela lavadeira Joanna. Nesse sentido, o redator do *Jornal do Commercio* dizia: “Ontem, à noite, houve no interior da casa n. 37 da ladeira do Barroso uma cena de sangue, que, pelas investigações colhidas até hoje de madrugada está ainda cercada de mistério, mas contém indícios incontestáveis da perpetração de um crime com o maior sangue frio.”¹⁶ Sobre Joanna Innocencia, afirmava ser ela “a heroína de todo este drama de sangue”, uma paraguaia “cheia de corpo, de altura regular, de uma fisionomia bonita, e capaz de fazer virar a cabeça de qualquer dos belos embarcadiços”, com voz que denota “uma energia e firmeza de vontade másculas. Tem prodigiosa força e ainda mais prodigioso sangue frio”, o que parecia destoar da imagem de uma heroína romântica. A “cabeça” da notícia, seguindo o raciocínio de Lima Barreto, no *Jornal do Commercio*, oferecia elementos para a construção da imagem de Joanna Innocencia, revelando-nos também o quanto, em notícias como aquelas, a linguagem literária era acionada e como alguns leitores poderiam se perder em seu exercício de leitura, embaralhando ficção e realidade.

Finalmente, cabe frisar que o ano de 1890 foi aquele de lançamento do livro *O Cortiço*, escrito por Aluísio Azevedo.¹⁷ Quem acompanhava as notícias do dia a dia em colunas de jornal e se aventurava por páginas estritamente literárias deparou-se com um enorme número de lavadeiras, pois a maior parte das personagens femininas do romance *O Cortiço* exercia justamente essa profissão. A narrativa sobre o cortiço de João Romão nos serve de indício para acompanharmos o cruzamento das categorias de classe, raça e gênero na construção de cada uma de suas personagens. A disponibilização, para um mesmo público, de histórias como as de Joanna Innocencia e das lavadeiras do romance, conforme logo veremos, contribuíram na construção de certa necessidade, da parte de empregadores, de requerer trabalhadoras que exerciam tal ofício, a partir da ideia de “boa conduta”. Isso porque o que se repetia em letra de forma sobre tais mulheres as associava à desordem e à criminalidade.

Perfeita lavadeira e engomadeira

EMBORA JOANNA INNOCENCIA tenha ocupado as colunas policiais, não foi esse o principal lugar do jornal onde as lavadeiras estiveram presentes. Elas estavam nos anúncios, oferecendo ou sendo procuradas por causa de sua força de trabalho, por meio de frases muito semelhantes, como por exemplo: “Precisa-se de uma criada perfeita lavadeira; no largo do Machado

16 CRIME da ladeira do Barroso. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, p. 1, 19 jul. 1890.

17 Importantes pesquisas sobre *O Cortiço* vêm sendo feitas recentemente, como: FIGUEIREDO, Mônica. Sob o sol tropical: o imigrante português no Rio de Janeiro de Aluísio Azevedo. *ALEA*, Rio de Janeiro, v. 20/3, set.-dez. 2018. pp. 239-256. JODAS, Amanda Servidoni. *Nas entrelinhas do “Cortiço”*: moralidade e (des) ordem pública em Aluísio Azevedo. 2016. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

n. 47.”¹⁸ Ou eram procuradas por gente que precisava do trabalho delas, e se mostrava com posicionamento bem especificado naquilo que dizia respeito à conduta, tratamento e raça, como vemos em: “Precisa-se para casa de família em S. Domingos, em Niterói, de um casal sem filhos, sem vícios, e sem entusiasmo de igualdade, sendo o marido bom cozinheiro e a mulher lavadeira e engomadeira, paga-se regularmente e quem estiver em condições pode dirigir-se à rua do Carmo n. 6, dando fiador a sua conduta.”¹⁹ Existiram também aqueles que, abertamente, informaram a cor da trabalhadora buscada: “Precisa-se, em Botafogo, de uma criada de cor, boa conduta, afeita em casa de família e não seja de rua, perfeita engomadeira e lavadeira, e para casa de tratamento de 3 pessoas, onde terá bom trato e bom ordenado; na rua da Carioca n. 18, informa-se.”²⁰ Ou ainda: “Precisa-se de uma perfeita lavadeira e engomadeira, porém que seja branca; trata-se na rua do Costa n. 41.”²¹ E, finalmente, havia quem dizia não ter preferência quanto à cor: “Precisa-se de uma cozinheira e lavadeira, para pequena família, não se faz questão de cor, o que se quer é bom comportamento; na rua do Presidente Pedreira n. 23 A; chácara S. Domingos, Niterói.”²²

São fartos os anúncios em busca de servidoras domésticas, incluindo aquelas dedicadas ao asseio das roupas.²³ Em seus estudos, Flávia Fernandes de Souza revelou que, nos livros de entrada na casa de detenção, havia um considerável percentual de lavadeiras – 37,87% – pois se tratava de trabalhadoras que atuavam no espaço público, constituindo-se, portanto, num grupo alvo das autoridades policiais.²⁴ No intuito de contribuir com essa discussão, torna-se relevante observarmos como os diferentes espaços dos jornais e também as narrativas encadernadas sob o formato de romances se somaram, com o objetivo de informar ao público leitor e à população, de modo geral, sobre o perigo que rondava as casas. Mas, ao mesmo tempo, deixavam vaziar histórias de resistência, sobrevivência e afeto. Passaremos a buscar, então, algumas razões para aquilo que as colocava na mira de literatos, por meio da construção de histórias capazes de prender a atenção do público, tanto no volume impresso em formato de livro, quanto em apertadas colunas de jornais que se alastravam por vários números e títulos. Vale a pena nos voltarmos para o modo como essas mulheres/personagens foram construídas, com atenção para questões morais e raciais, conforme parecia ser tão importante, de acordo com aquilo que encontramos nos anúncios.

18 **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, p. 3, 4 jan. 1890.

19 CRIADOS. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, p. 4, 8 mar. 1890.

20 **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, p. 3, 5 abr. 1889.

21 **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, p. 5, 19 jun. 1890.

22 **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, p. 4, 14 mar. 1891.

23 PEÇANHA, Natália Batista. “**Precisa-se de uma criada estrangeira ou nacional para todo o serviço de casa**”: cotidiano e agências de servidoras/es domésticas/os no mundo do trabalho carioca (1880-1930). 2018. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2018. SOUZA, Flávia Fernandes de. **Para casa de família e mais serviços**: o trabalho doméstico na cidade do Rio de Janeiro no final do século XIX. 2009. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2009.

24 SOUZA, Flávia Fernandes de. **Criados, escravos e empregados**: o serviço doméstico e seus trabalhadores na construção da modernidade (Cidade do Rio de Janeiro, 1850-1920). 2017. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017. p. 130.

O modo pelo qual Joanna Innocencia usava os jornais diários dificilmente saberemos. Não é possível afirmar se ela já havia anunciado sua força de trabalho em algum jornal de grande circulação, dentre aqueles que expuseram o assassinato em que ela esteve envolvida, por exemplo. Sabemos, no entanto, que os jornais circulavam em mãos de lavadeiras não apenas em busca dos anúncios, mas também para conhecimento das questões do dia. Afinal, fora assim que a depoente Maria Esteves da Conceição soubera do caso em tela. Os leitores e as leitoras poderiam ainda escolher se fariam a leitura, acompanhando passo a passo o que acontecia em termos de desvendamento do crime; ou se interessariam apenas pelo balanço da semana, por meio das crônicas. Desse modo, enquanto o crime supostamente cometido pela lavadeira ocupava a atenção de parcela de leitores fluminenses, a “Crônica ligeira”, da *Gazeta de Notícias*, e a “Semana passada”, do *Diário de Notícias*, cumpriram sua função de resumir e selecionar os fatos da semana. A dominical “Crônica ligeira” afirmava que aquela havia sido uma semana com: “assassinatos, roubos, suicídio, naufrágio, desastres, o diabo a quatro.”²⁵ Enquanto a “Semana passada”, publicada às segundas-feiras, começava elegendo o “Boato” como o principal personagem do momento e também elencava os assassinatos e suicídios como a “nota triste da semana”.

Vejamos, portanto, como cada uma das crônicas construiu o perfil para Joanna Innocencia e relatou a forma como havia acontecido o crime. Para a “Crônica ligeira”: “Uma mulher mata o seu amante, arrasta-lhe o corpo, arredando-o da porta, para que lhe dê passagem, traça um xale, e vai procurar o rondante a quem diz que um homem caíra morto à sua porta.”²⁶ Por sua vez, a “Semana passada” afirmava que Joanna Innocencia havia “assassinado a facadas o amante, apresentou-se à autoridade com todo o sangue frio para lhe contar a inverossímil história do encontro do cadáver em sua casa, querendo provar à Justiça uma inocência que ela só tinha no nome”.²⁷ Tanto uma quanto a outra davam como certo que o crime havia sido cometido por Joanna. Cumpriam assim uma função que era da Justiça e ajudavam na construção da imagem de uma pessoa artilosa e calculista. Nesse sentido, a crônica da *Gazeta de Notícias* ainda nos oferece outros elementos, pois além de reafirmar o “sangue frio” que a mulher supostamente possuía, completa com a informação de que a voz dela não tremia ou deixava transparecer qualquer indício do crime cometido, sendo “calejada no crime”, uma “inconsciente”.

O redator da “Crônica ligeira” afirma que Joanna Innocencia havia cometido aquele crime contra alguém com quem “passara tantas vezes, horas e horas de gozo, esquecidos do mundo, nos braços um do outro”. Deixando subentendido que, ao se tratar de um estranho, suas ações poderiam ser ainda mais cruéis. Essa era, portanto, a engomadeira paraguaia, sob o olhar de cronistas. Uma visão que deve ter ajudado a construir o perfil de violência inerente a outras trabalhadoras domésticas imigrantes de origem paraguaia.

25 *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 27 jul. 1890. Crônica ligeira, p. 1.

26 *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 27 jul. 1890. Crônica ligeira, p. 1.

27 *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 21 jul. 1890. Semana passada, p. 1.

Conforme já sabemos, naquele mesmo ano de 1890, várias outras lavadeiras foram apresentadas ao público leitor de romances sob a pena de Aluísio Azevedo, e contribuíram para que essa imagem de oposição entre trabalho e perigo se fortalecesse. Vamos observar então quem foram aquelas que logo nas primeiras horas do dia apareciam movimentando o cortiço do romance. As lavadeiras se constituíam em maioria naquele lugar, ao menos até a sua grande reforma. Isso porque, após o incêndio provocado pela “bruxa” Paula, os moradores do lugar passaram a ser outros, conforme palavras do próprio literato: “a maior parte das casinhas eram ocupadas agora por pequenas famílias de operários, artistas e praticantes de secretaria.”²⁸ Sendo assim, o trabalho das lavadeiras é usado, primeiro, para definir o lugar como potencialmente perigoso e, em seguida, a sua ausência é símbolo de modernização – “O cortiço aristocratizava-se” – e, contraditoriamente, de limpeza. Vejamos como cada uma daquelas personagens foi caracterizada.

Leandra, conhecida como “Machona”, foi a primeira a aparecer. Era portuguesa, mãe de duas moças e de um garoto, e “ninguém ali sabia ao certo se a Machona era viúva ou desquitada; os filhos não se pareciam uns com os outros”.²⁹ Em seguida, vemos a Augusta Carne Mole que era branca, brasileira, casada com um soldado de polícia e mãe de vários filhos.³⁰ Leocádia era também portuguesa e vivia com “um ferreiro chamado Bruno”. Paula era uma “cabocla velha”, respeitada por causa de seus supostos poderes sobrenaturais e, por isso, chamada de “Bruxa”.³¹ Marciana era uma “mulata antiga”, mãe de Florinda.³² Dona Isabel havia sido casada com “o dono de uma casa de chapéus, que quebrou e suicidou-se”, era também a mãe de Pombinha, moça que não podia lavar nem engomar.³³ O único homem do grupo era Albino, um “lavadeiro” que, de tanto viver entre as mulheres, era tratado como se uma delas fosse.³⁴ Finalmente o grupo era também composto pelas rivais Rita Baiana e Piedade, certamente as que ganharam maior espaço na narrativa.

Todas essas mulheres não foram construídas apenas como personagens coadjuvantes, mas como aquelas que, embora contassem com alguma contribuição financeira de homens, se sustentavam, brigavam umas pelas outras e disputavam fregueses e amores. A lida cotidiana delas era assim descrita: “E as lavadeiras não se calavam, sempre a esfregar, e a bater, e a torcer camisas e ceroulas, esfogueadas já pelo exercício. Ao passo que, em torno da sua tagarelice, o cortiço se embandeirava todo de roupa molhada, donde o sol tirava cintilações de prata.”³⁵ Trabalho e vida se misturavam sem que o literato deixasse vestígio sobre como as trouxas de roupas ali chegavam ou como os

28 AZEVEDO, Aluísio. **O Cortiço**. 1ª ed. (1890). São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2016. p. 280.

29 *Ibidem*, p. 43.

30 AZEVEDO, op. cit., 2016. p. 44.

31 *Ibidem*, p. 44.

32 *Ibidem*, p. 45.

33 *Ibidem*, p. 45-6.

34 *Ibidem*, p. 47.

35 *Ibidem*, p. 50.

clientes eram conquistados, talvez porque todos já soubessem muito bem que os jornais diários eram lugar de honra para a busca desse tipo de serviço.

Jean-Yves Mérian analisou a elaboração de *O Cortiço*, a partir da vontade inicial do literato de construção de um retrato, por meio de cinco romances. A produção ensinaria “o nascimento do homem brasileiro no proletariado”, por meio de imigrantes e da população local descendentes de escravizados, sem que “as diferenças raciais fossem ressentidas como obstáculos”.³⁶ O argumento do estudioso considera que, ao não oferecer o nome de um personagem para o romance, o literato indicava tratar-se de uma obra em que a “coletividade teria um papel preponderante”,³⁷ com ações que transcorreram entre 1872 e 1880.³⁸ A obra demonstraria a “incapacidade do povo de sair de sua condição por causa de sua ignorância, de sua falta de consciência de classe e de unidade real”.³⁹ Sendo, portanto, um “exagero” comparar as obras *Germinal*, do escritor francês Zola, com *O Cortiço*, do literato brasileiro, justamente porque os personagens de Aluísio Azevedo não possuíam nem consciência de classe nem compromisso político.⁴⁰

Essa leitura está ancorada na percepção de que escravizados e seus descendentes não estariam qualificados como trabalhadores, devido a uma suposta ausência de cultura política.⁴¹ Tal contradição, no entanto, vem sendo sanada, ao longo dos últimos anos, com contribuições, inclusive, de uma história interseccional, preocupada também com a inclusão de gênero e raça na análise.⁴² Sendo assim, argumento que, nos primeiros anos após a assinatura da Lei Áurea, apesar dos esforços da imprensa na disseminação de uma visão de mulheres perigosas que exerciam a profissão de lavadeiras e engomadeiras, jornalistas e literatos deixaram transparecer a luta daquelas mulheres para a manutenção de suas famílias e relações de trabalho. Importante frisar que aquelas não eram famílias nucleares e que o ofício por elas exercido muitas vezes nem mesmo foi considerado como trabalho honesto. As lavadeiras de *O Cortiço* e, provavelmente, muitas outras que frequentavam as páginas de jornais, procurando trabalho ou como parte de alguma investigação policial, não eram apenas concorrentes pelo amor de um homem ou por um cliente que lhes oferecia trabalho e renda, mas também aliadas, parceiras. Especialmente quando se tratava da exigência pelo cumprimento de alguma obrigação considerada masculina.

Nesse sentido, vejamos primeiro o caso da já mencionada personagem Florinda, filha de Marciana. Descrito como “um novo escândalo”, iniciou-se da seguinte forma,

36 MÉRIAN, Jean-Yves. **Aluísio Azevedo: vida e obra (1857-1913)**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional; Garamond, 2013. p. 504.

37 Ibidem, p. 508.

38 Ibidem, p. 509.

39 Ibidem, p. 520.

40 MÉRIAN, Jean-Yves. **Aluísio Azevedo: vida e obra (1857-1913)**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional; Garamond, 2013. p. 528.

41 CHALHOUB, Sidney; SILVA, Fernando Teixeira da. Sujeitos no imaginário acadêmico escravos e trabalhadores na historiografia brasileira desde os anos 1980. **Cadernos AEL**, Campinas, v. 14, n. 26, 2009.

42 NASCIMENTO, Álvaro Pereira. Trabalhadores negros e o ‘paradigma da ausência’: contribuições à História Social do Trabalho no Brasil. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 59, pp. 607-626, set.-dez. 2016.

com a percepção de Marciana de que o fluxo menstrual da filha estava atrasado:

Amulata velha aproximou-se, desatou-lhe violentamente o vestido, levantou-lhe as saias e examinando-lhe todo o corpo, tateando-lhe o ventre, já zangada. Sem obter nenhum resultado das suas diligências, correu a chamar a Bruxa, que era mais que entendida no assunto. A cabocla, sem se alterar, largou o serviço, enxugou os braços no avental, e foi ao número 12; tentou de novo a mulatinha, fez-lhe várias perguntas e mais à mãe, e depois disse friamente: – Está de barriga.⁴³

Após esse momento, o cenário passa a ser ocupado apenas por mãe e filha, sendo que Marciana começa a espancar a menina, com o intuito de descobrir a paternidade do filho que esperava. As outras lavadeiras tentam então intervir como um “grupo” e acabam obtendo a confissão de que o pai seria “seu Domingos”, o caixeiro da venda que compunha o espaço do cortiço. Com essa revelação, mãe e filha se dirigiram à venda, que recebeu a seguinte descrição:

Ao balcão daquela, o Domingos e o Manuel aviavam os fregueses, numa roda-viva. Havia muitos negros e negras. O barulho era enorme. A Leonor lá estava, sempre aos pulos, mexendo com um, mexendo com outro, mostrando a dupla fila de dentes brancos e grandes, e levando apalpões rudes de mãos de couro nas suas magras e escorridas nádegas de negrinha virgem. Três marujos ingleses bebiam gengibirra, cantando, ébrios, na sua língua e mascando tabaco.⁴⁴

A ideia da mãe era exigir que o caixeiro se casasse com Florinda. Sendo que, diante da recusa e contestação do homem, as lavadeiras novamente se reuniram, “agitadas por uma grande indignação”. Domingos acabou sendo protegido por João Romão, com orientações sobre o que fazer diante de tal situação e com a promessa, feita às mulheres, de que o rapaz se casaria ou Florinda teria direito ao dote. Diante da astúcia de João Romão, houve a dispersão e também a desarticulação das mulheres, que, no dia seguinte, ao descobrirem a fuga do caixeiro, não se mostraram mais “tão indignadas como na véspera”. Era justamente isso o que previa João Romão. O patrão não teve nenhum prejuízo com aquela situação, pois, além de ter ficado com o dinheiro que devia ao seu empregado, substituiu-o facilmente por outro trabalhador. Esse desfecho, no entanto, não pode invalidar a tentativa de organização das mulheres e a consciência delas de que unidas possuíam força para o cumprimento de um costume esperado, a saber, da realização do casamento entre a menina e o empregado de João Romão.

Somado ao caso de Florinda, a situação vivida por Leocádia carrega mais elementos para o desenvolvimento da ideia proposta neste artigo. Enquanto vivia com Bruno, Leocádia foi flagrada com outro homem e acabou sendo expulsa de casa. Sem ter para onde ir, a mulher foi socorrida por Rita:

– Para onde vais tu?... perguntou-lhe em voz baixa.
– Não sei, filha, por aí!... Hei de encontrar um furo!... Os cães não vivem?...

43 AZEVEDO, op. cit., 2016. p. 121.

44 Ibidem, p. 123.

– Espera um instante... disse a mulata. Olha, empurra a trouxa aí para dentro do meu cômodo. E correndo ao Albino, que lavava: – Passa-me no sabão aquela roupa, ouviste? E, quando Firmo acordar, diz-lhe que precisei ir à rua.

Depois, deu um pulo ao quarto, mudou a saia molhada, atirou nos ombros o seu xale de crochê e, batendo nas costas da companheira, segredou-lhe:

– Anda cá comigo! Não ficarás à toa!

E as duas saíram, ambas sacudidas, deixando atrás de si suspensa a curiosidade do cortiço inteiro.⁴⁵

O destino das duas mulheres foi revelado poucas páginas adiante:

Rita havia aboletado a amiga, a princípio em casa de umas engomadeiras do Catete, muito suas camaradas, depois passou-a para uma família, a quem Leocádia se alugou como ama-seca; e agora sabia que ela acabava de descobrir um bom arranjo num colégio de meninas.⁴⁶

As duas situações mostram mulheres trabalhadoras que cuidam umas das outras. Mas não apenas isso. O vocabulário usado, por exemplo, traz vários marcadores raciais: “mulata velha”, “cabocla”, “mulatinha”, “negros e negras”, “dupla fila de dentes brancos e grandes”, “negrinha”, “mulata”. Se existiu da parte do literato o objetivo de mostrar certa “harmonia racial” nas relações de trabalho e entre mulheres, não nos pode escapar a sua insistência em recorrer a descrições que justificavam a dominação, conforme defende Toni Morrison,⁴⁷ que ainda completa: “a raça tem sido um parâmetro de diferenciação constante, assim como a riqueza, a classe e o gênero, todos relacionados ao poder e à necessidade de controle.”⁴⁸ As mulheres lavadeiras presentes nos jornais e em *O Cortiço* eram imigrantes pobres e descendentes de pessoas escravizadas e precisavam negociar sua sobrevivência diretamente com homens e mulheres para quem trabalhavam e/ou com quem dividiam suas vidas. Ao redigir seus relatos, com ênfase em questões raciais, conforme acabamos de ver, literatos e jornalistas construía modelos de comportamento que serviam de exemplo para que outras pessoas julgassem de antemão crimes e comportamentos femininos, fermentando o racismo presente numa sociedade que havia abolido a escravidão muito recentemente. Com isso, talvez, Aluísio Azevedo não deixava escapar “harmonia racial”, mas como o racismo esteve o tempo todo presente nas relações patronais. Essa ideia é levada ao extremo, pelo literato, com Bertoleza, uma personagem feminina ilegalmente escravizada e que vinha a público, quando havia forte interesse em se esquecer a própria existência da escravidão.

O suicídio de Bertoleza

Os PRIMEIROS PARÁGRAFOS de *O Cortiço* serviram para apresentar João Romão e Bertoleza. Essa apresentação jogou luz sobre a questão do trabalho. O homem trabalhou dos 13 aos 25

45 Ibidem, p. 113.

46 Ibidem, p. 118.

47 MORRISON, Toni. **A origem dos outros**: seis ensaios sobre racismo e literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 23.

48 Ibidem, p. 24.

anos para um vendeiro. As primeiras economias de João Romão teriam então se originado desse trabalho. Bertoleza, por sua vez, é introduzida como aquela que fornecia a comida para João Romão. Ela é também a primeira personagem a ter sua cor definida: “crioula trintona, escrava de um velho cego residente em Juiz de Fora e amiga com um português que tinha uma carroça de mão e fazia fretes na cidade.”⁴⁹ Praticamente todos os momentos em que a personagem aparece, ela está trabalhando duro. Comportava-se assim, num primeiro momento, para amear dinheiro para conseguir comprar sua carta de alforria. Com a aproximação de João Romão, passou a confiar nele para que guardasse as economias dela. E com a passagem do tempo:

E por tal forma foi o taverneiro ganhando confiança no espírito da mulher, que esta afinal nada mais resolvia só por si, e aceitava dele, cegamente, todo e qualquer arbítrio. Por último, se alguém precisava tratar com ela qualquer negócio, nem mais se dava ao trabalho de procurá-la, ia logo direto a João Romão.

Quando deram fé estavam amigados.

Ele propôs morarem juntos, e ela concordou de braços abertos, feliz em meter-se de novo com um português, porque, como toda a cafuza, Bertoleza não queria sujeitar-se a negros e procurava instintivamente o homem numa raça superior à sua.⁵⁰

Aluísio Azevedo construía a personagem com uma pitada de autonomia, uma escravizada que possuía “negócios”, mas que se deixava explorar e confiava em um homem branco por certo “instinto racial”. Essa situação confirma o quanto o romance deixou ver personagens que, sob o olhar de seu narrador, instrumentalizado pelas discussões científicas de seu tempo, apenas justificavam o porquê de uma mulher permanecer em condições precárias e ser escravizada.⁵¹ Por outro lado, se as escolhas pessoais de Bertoleza pareciam justificar a sua condição de explorada e destinada à dominação, foi o dinheiro dela que permitiu o início da construção do cortiço:

João Romão comprou então, com as economias da amiga, alguns palmos de terreno ao lado esquerdo da venda, e levantou uma casinha de duas portas, dividida ao meio paralelamente à rua, sendo a parte da frente destinada à quitanda e a do fundo para um dormitório que se arranhou com os cacarecos de Bertoleza.⁵²

Esse dinheiro havia sido roubado de Bertoleza, quando João Romão contou a ela ter-lhe comprado uma carta de alforria, mas, na verdade, havia se apropriado da quantia. A partir

49 AZEVEDO, op. cit., 2016. p. 11.

50 AZEVEDO, op. cit., 2016. p. 12-13.

51 Sobre o cientificismo ver: SCHWARCZ, Lília Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol; SÁ, Magali Romero; GLICK, Thomas (org.). **A recepção do darwinismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003. SAMPAIO, Gabriela dos Reis. **Nas trincheiras da cura: as diferentes medicinas no Rio de Janeiro imperial**. Campinas: Editora da Unicamp, 2001. Temos também uma bibliografia que considera a posição de intelectuais negros diante das discussões científicas de sua época, conferir: SILVEIRA, Daniela Magalhães da. **Fábrica de contos: ciência e literatura em Machado de Assis**. Campinas: Editora da Unicamp, 2010. CHALHOUB, Sidney; PINTO, Ana Flávia Magalhães. **Pensadores negros – Pensadoras negras: Brasil, séculos XIX e XX**. Cruz das Almas: EDUFRB; Belo Horizonte: Fino Traço, 2016.

52 AZEVEDO, op. cit., 2016. p. 13.

daquele momento, a mulher passou a ocupar o “papel tríplice de caixeiro, de criada e de amante”, num dia a dia extenuante. Isso tudo permitiu novas construções: “um ano depois da aquisição da crioula, indo em hasta pública algumas braças de terra situadas ao fundo da taverna, arrematou-as logo e tratou, sem perda de tempo, de construir três casinhas de porta e janela.”⁵³

A realidade de Bertoleza alterou-se a partir do momento em que João Romão decidiu se casar com Zulmira, filha do casal Miranda e Estela, que ocupavam o sobrado vizinho ao cortiço. A menina branca também recebeu descrição que merece ser observada:

Zulmira tinha então doze para treze anos e era o tipo acabado da fluminense; pálida, magrinha, com pequeninas manchas roxas nas mucosas do nariz, das pálpebras e dos lábios, faces levemente pintalgadas de sardas. Respirava o tom úmido das flores noturnas, uma brancura fria de magnólia; cabelos castanhos-claros, mãos quase transparentes, unhas moles e curtas, como as das mães, dentes pouco mais claros do que a cútis do rosto, pés pequenos, quadril estreito, mas os olhos grandes, negros, vivos e maliciosos.⁵⁴

Essa personagem foi apresentada dessa forma, assim que seus pais se mudaram para o sobrado. Com a passagem do tempo, ela continuou sendo lembrada a partir de seu físico. Sendo que, aos 17 anos estava menos “anêmica e deslavada” e ainda vieram os “seios e engrossara-lhe o quadril”. Talvez estivesse pronta para se casar. Embora possuísse suas próprias preferências matrimoniais, essas nunca foram ouvidas.

Quando João Romão passou a cortejar Zulmira, logo Bertoleza percebeu. A preocupação da personagem ilegalmente escravizada parecia bastante justa e, com o agravamento da situação, João Romão calculava: “Bertoleza devia ser esmagada, devia ser suprimida, porque era tudo que havia de mau na vida dele! Seria um crime conservá-la a seu lado!” E ainda:

Devia ceder o lugar à pálida mocinha de mãos delicadas e cabelos perfumados, que era o bem, porque era o que ria e alegrava, porque era a vida nova, o romance solfejado ao piano, as flores nas jarras, as sedas e as rendas, o chá servido em porcelanas caras; era enfim a doce existência dos ricos, dos felizes e dos fortes, dos que herdaram sem trabalho ou dos que, a puro esforço, conseguiram acumular dinheiro, rompendo e subindo por entre o rebanho dos escrupulosos ou dos fracos.⁵⁵

Ao construir uma aparente enorme distância entre Bertoleza e Zulmira, Aluísio Azevedo as aproximava. Tornava evidente como as duas estavam profundamente marcadas pela escravidão e por aquela estrutura de domínio branca e masculina. Nenhuma das duas tinha direito a escolha. Ambas eram abusadas, sendo que, assim como afirmou Patricia Hill Collins, “o controle sobre a sexualidade das mulheres brancas abastadas foi central para a escravidão”.⁵⁶ Dessa forma, talvez o destino de Zulmira fosse muito semelhante ao da mãe

53 Ibidem, p. 15.

54 AZEVEDO, op. cit., 2016. p. 31.

55 Ibidem, p. 267.

56 COLLINS, Patricia Hill. Em direção a uma nova visão: raça, classe e gênero como categorias de análise e conexão.

dela, dona Estela, num casamento crivado pela falta de respeito e abusos sexuais. Por seu turno, o destino de Bertoleza não ficou subentendido. A mulher tinha bastante lucidez sobre os direitos dela e ameaçava:

Você está muito enganado, seu João, se cuida que se casa e me atira à toa! Exclamou ela. Sou negra, sim, mas tenho sentimentos! Quem me comeu a carne tem de roer-me os ossos! Então há de uma criatura ver entrar ano e sair ano, a puxar pelo corpo todo o santo dia que Deus manda ao mundo, desde pela manhãzinha até pelas tantas da noite, para ao depois ser jogada no meio da rua, como galinha podre?! Não! Não há de ser assim, seu João!⁵⁷

E ainda completava que “com quitanda principiei; não hei de ser quitandeira até morrer! Preciso de um descanso! Para isso mourejei junto de você enquanto Deus Nosso Senhor me deu força e saúde”. A personagem demonstrava saber que tudo o que João Romão havia acumulado fazia parte daquilo que eles ganharam juntos, por isso ela dizia querer a parte dela, “no que fizemos com o nosso trabalho”. Assim, deixava o vendeiro acuado e disposto a usar de todas as armas que um homem, branco e proprietário, dispunha por causa da escravidão. O desfecho do livro mostra Bertoleza em seu ambiente de trabalho, com o jantar dos caixeiros pronto e preparando a refeição de João Romão, numa rotina bem conhecida por mulheres pobres que trabalham para o sustento da casa e ainda cuidam do bem-estar da família. Nesse cenário, Bertoleza reconhece o “filho mais velho do seu primitivo e senhor” e, muito lúcida, compreende o que estava acontecendo, protagonizando talvez a cena mais marcante do livro:

A negra, imóvel, cercada de escamas e tripas de peixe, com uma das mãos espalmada no chão e com a outra segurando a faca de cozinha, olhou aterrada para eles, sem pestanejar.

Os policiais, vendo que ela se não despachava, desembainharam os sabres. Bertoleza então, erguendo-se com ímpeto de anta bravia, recuou de um salto e, antes que alguém conseguisse alcançá-la, já de um golpe certo e fundo rasgara o ventre de lado a lado.

E depois emborcou para a frente, rugindo e esfocinhando moribunda numa lameira de sangue.⁵⁸

Antes de analisar a violência imposta a Bertoleza e os possíveis significados de sua ação, vale observar como o trabalho doméstico aparece envolto a muita sujeira, embora o seu princípio básico seja justamente o de escondê-la, fazendo acreditar que, num passo de mágica, tudo teria ficado limpo e cheiroso, como as trouxas de roupas devolvidas pelas lavadeiras para quem as havia contratado. Nesse sentido, a pesquisa apresentada por Anne McClintock pode ser de grande valia. Ao estudar os diários de Cullwick e Munby, essa autora demonstra como a mulher Cullwick não se limitava a ser uma trabalhadora braçal, mas era alguém que protegia os seus próprios interesses e, quando necessário, resistia ao homem

In: MORENO, Renata. **Reflexões e práticas de transformação feminina**. São Paulo: SOF, 2015. p. 21.

57 AZEVEDO, op. cit., 2016. p. 275.

58 AZEVEDO, op. cit., 2016. p. 292.

com quem compartilhava a vida.⁵⁹ De modo que, “o projeto que animava sua vida obscura e árdua era o projeto do reconhecimento social do trabalho doméstico feminino”.⁶⁰ O que não está tão distante do propósito da personagem criada por Aluísio Azevedo, quando Bertoleza imaginava que:

Na sua obscura condição de animal de trabalho, já não era amor o que a mísera desejava, era somente confiança no amparo da sua velhice, quando de todo lhe faltassem as forças para ganhar a vida. E contentava-se em suspirar no meio de grandes silêncios durante o serviço de todo o dia, covarde e resignada, como seus pais que a deixaram nascer e crescer no cativo. Escondia-se de todos, mesmo da gentinha do frege e da estalagem, envergonhada de si própria, amaldiçoando-se por ser quem era, triste de sentir-se a mancha negra, a indecorosa nódoa daquela prosperidade brilhante e clara.⁶¹

Bertoleza ressentia-se da escravidão e até mesmo do fato de seus pais, supostamente, não terem feito nada para livrá-la daquela condição. Por outro lado, acreditava que o seu trabalho deveria ser reconhecido por meio de amparo em sua velhice. A certeza de que continuava escravizada, com um senhor que requeria a propriedade que juridicamente afirmava ser de seu direito, foi o que lhe tirou todas as esperanças, que calou a sua luta pelo reconhecimento de seu trabalho diário, em meio à sujeira do ambiente em que estava submetida, e a fez recorrer ao suicídio. A voz do literato tenta reduzir essa personagem a uma condição de vítima que cedeu à pressão senhorial, no entanto, precisamos nos atentar para aquilo que antecede aos desfechos dos diálogos e tramas por ele criados. Talvez tenha sido a mulher trabalhadora, que acreditava na importância de seus afazeres domésticos, embora tenha confiado num personagem masculino desprezível, aquilo que mais chamou atenção e causou reconhecimento, por se assemelhar com o cotidiano de tantas outras mulheres que tiveram acesso ao livro e dividiam a lida do trabalho doméstico com seus parceiros. Sendo assim, o que escapa as intenções imediatas do literato também nos interessa.⁶²

Finalmente, devemos nos atentar como o suicídio de Bertoleza acontece num momento de plena lucidez da personagem. Histórias de suicídio compunham a rotina de jornais que circulavam por aqueles tempos, assim como de romances encadernados. Basta recordar que os jornais que circularam, em 1890, quando ocorrera “o crime da ladeira do Barroso”, indicavam, por meio de suas crônicas que aquela tinha sido uma semana de “assassinatos, roubos, suicídio, naufrágio, desastres, o diabo a quatro”.⁶³ A tentativa de suicídio noticiada pela *Gazeta de Notícias* e que, provavelmente mais chamou a atenção daquele cronista, apareceu nos “Telegramas” e informava como havia tentado “suicidar-se,

59 MCCLINTOCK, Anne. **Couro imperial**: raça, gênero e sexualidade no embate colonial. Campinas: Editora da Unicamp, 2010. p. 210.

60 Ibidem, p. 211.

61 AZEVEDO, op. cit., 2016. p. 244.

62 Sobre as possibilidades da utilização da literatura no campo historiográfico, ver CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo. Apresentação. **A história contada**: capítulos de História Social da literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

63 **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, 27 jul. 1890. Crônica ligeira.

dando um tiro de revólver no ouvido, o proprietário do Hotel do Commercio José Silva Bastos, português, de 20 anos”. A causa anunciada eram os “atrasos de negócios”.⁶⁴ Além desse, naquela semana que antecedeu ao dia 27 de julho, ainda apareceu, no *Diário de Notícias*, a nota, em primeira página e com certo destaque, que informava que “Alexandrina de Paula Oliveira, após uma questão com seu companheiro de casa, tentou pôr termo à existência, ingerindo uma dose de sal de azedas, à rua Senador Euzébio n. 138”.⁶⁵ O cronista de *O Paiz* foi ainda mais longe e produziu algumas reflexões sobre a suposta “mania” de suicídios que existia naqueles tempos, afirmando que:

É com essa teoria que examino a psicologia de tantos suicidas dos últimos tempos e vejo que quase todos são bárbaros, selvagens e inconscientes.

Um, mata-se, porque não tem saúde; que heroicidade há nisto?

Outro, mata-se, porque se acha atrasado em seus negócios. E, no entanto, é certo que, com a morte, esses negócios se atrasaram ainda mais.

Somente encontro o caso do suicídio que se chamaria moral: é o de uma pobre moça que se envenena por causa de um amante. Só essa criança foi sublime e poupou o inimigo que a torturava.

Não quis ela eliminá-lo, e eliminou-se e foi-se embora da vida.⁶⁶

Várias “teorias” sobre o suicídio foram produzidas por médicos especialistas e também por literatos naquelas últimas décadas do século XIX, diante dos casos anunciados pelos jornais. Sendo que em boa parte delas questionava-se o grau de civilização do suicida. Antes da assinatura da lei de 13 de maio de 1888, notícias sobre suicídio de pessoas escravizadas também eram fartas nos jornais diários.⁶⁷ É importante frisar, no entanto, como as causas que levaram ao suicídio de mulheres escravizadas carregavam aspectos ausentes de quando se tratava de homens escravizados. Sendo assim, o suicídio foi muitas vezes usado como forma de reação contra ameaças senhoriais e os casos que envolveram mães escravizadas foram os que ganharam maior repercussão. A história de Bertoleza serviu para encerrar a narrativa de *O Cortiço* e foi seguida pelas últimas palavras de Aluísio Azevedo no livro:

João Romão fugira até o canto mais escuro do armazém, tapando o rosto com as mãos.

Neste momento parava à porta da rua uma carruagem. Era uma comissão de abolicionistas que vinham, de casaca, trazer-lhe respeitosamente o diploma de sócio benemérito.

Ele mandou que os conduzissem para a sala de visitas.⁶⁸

64 *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 25 jul. 1890. Telegramas.

65 TENTATIVA de suicídio. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 26 jul. 1890.

66 XYZ. Sete dias. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 27 jul. 1890.

67 Sobre o suicídio entre escravizados ver, CANÁRIO, Ezequiel David do Amaral. “É mais uma scena da escravidão”: suicídios de escravos na cidade do Recife, 1850-1888. 2011. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011. FERREIRA, Jackson. “Por hoje se acaba a lida: suicídio escravo na Bahia (1850-1888)”. *Afro-Ásia*, Salvador, n. 31, 2004. HERTZMAN, Marc. Diferenças fatais: suicídio, raça e trabalho forçado nas Américas. *Revista Mundos do Trabalho*, Florianópolis, v. 11, 2019.

68 AZEVEDO, op. cit., 2016. p. 292.

Considerando a forma como histórias de suicídio vinham sendo tratadas pela imprensa contemporânea ao romance, Bertoleza jamais seria vista como heroína. Por outro lado, no entanto, com esse desfecho, Aluísio Azevedo questionava o movimento abolicionista e fazia de sua personagem mais uma que, assim como tantas escravizadas que recorreram ao suicídio, encontrara naquela ação a única forma de se livrar da escravidão e da impossibilidade de se confiar em homens brancos e detentores de alguma forma de poder sobre a vida delas.

Epílogo: o cortiço das mulheres

Nos ÚLTIMOS DIAS do ano de 1890, a *Gazeta de Notícias* levava ao público mais uma história de crime, envolvendo uma lavadeira, moradora de estalagem. Seguindo protocolo de escrita daquele tipo de notícia, o redator da folha transcreveu o depoimento do principal suspeito do assassinato de Guilhermina Ferreira dos Santos. Afirmava o cabo Antônio Ferreira da Silva:

Que vive amasiado há seis anos com Guilhermina Ferreira dos Santos, na estalagem da rua dos Barbonos, conhecida por *Buraco*, há quatro dias, chegando ao seu quarto encontrou Guilhermina com outro indivíduo, pelo que correu com ela de casa; hoje às 6 horas, indo ao seu quarto para arrumar a roupa, a fim de levá-la para o quartel, viu entrar Guilhermina, que se pôs a insultá-lo, agredindo-o com um chinelo, deu-lhe então um empurrão e viu-a cair, sendo que depois disso saiu ele para ir à polícia queixar-se do procedimento de sua amante.

Disse que não feriu Guilhermina, a quem apenas empurrou, ignorando ter ela falecido e afirmando que o cabo do estoque que se lhe aponta não é seu nem o conhece; declarou mais que na ocasião achava-se presente uma mulher, cujo nome não sabe.⁶⁹

A mulher que estava presente na cena do crime era a paraguaia Maria de Lacruz. No romance de Aluísio Azevedo e nas colunas dos jornais publicados ao longo da última década do século XIX, as histórias se repetem. Estavam lá mulheres pobres, trabalhadoras domésticas, imigrantes ou descendentes de pessoas escravizadas. Viviam relações muito distintas do casamento nuclear almejado pela República para a formação da nação. Algumas deixaram filhos. Guilhermina, por exemplo: “deixou duas filhas menores, que foram acolhidas pelo soldado da brigada policial, José Antônio Maria, casado, que por humanidade recebeu-as até terem destino.”⁷⁰ Embora todas elas participassem do sustento da casa, um fator chama atenção: de algum modo, todas foram expulsas de suas casas.

Possuindo apenas alguns pertences ou um cortiço inteiro, precisaram brigar muito para que fossem reconhecidas como não somente “donas de casa”, mas como “donas da casa”. Isso acarretava a perda de outros direitos, como do cuidado com os filhos e, muitas vezes, a própria vida. A imprensa foi suporte primordial para tornar conhecidos crimes cometidos por ou contra mulheres pobres, pretas, imigrantes e trabalhadoras. Parecia

69 ASSASSINATO. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 2, 15 dez. 1890.

70 Ibidem.

querer justificar a ideia de que aquelas seriam mulheres que não mereciam suas casas, depois de uma desavença conjugal. No romance em questão, por um momento, quem pareceu merecer continuar em casa foi a portuguesa Piedade. Depois de ser deixada por Jerônimo, que preferiu Rita Baiana, Piedade continuou na casa do cortiço e passou a cuidar praticamente sozinha da casa e da filha. Aos poucos, porém, foi perdendo o controle de sua própria vida, apresentando-se bêbada, sofrendo abusos sexuais e, por fim, passou a viver das esmolas da então prostituta Pombinha. Ao fim, nenhuma delas pode gozar de suas próprias casas. E se tornavam exemplos, não apenas de comportamentos supostamente inadequados, mas de que mulheres com aquele perfil social e racial eram desumanas, inapropriadas para o crescimento do país. Por outro lado, imprensa e literatura deixaram vaziar a existência de mulheres que brigavam por seus filhos e filhas,⁷¹ que agiam como parceiras em busca de direitos relacionados ao trabalho e ao cumprimento de deveres considerados masculinos.

Essa luta, aliás, remetia à escravidão. Karine Teixeira Damasceno acompanhou duas mulheres escravizadas na Bahia: Belmira⁷² e Luiza.⁷³ Esta última recorreu à Justiça para garantir o direito de liberdade dela e de seus filhos e filhas. Em sua empreitada, a solidariedade de familiares pareceu de fundamental importância. Sendo assim, a pesquisadora afirma que “assim como outras mulheres investigadas, Luiza não era sozinha e conseguiu mobilizar várias pessoas em torno de seu projeto de liberdade em família”.⁷⁴ Belmira, por sua vez, também procurou a Justiça para apresentar sua demanda por liberdade. Esse caso, no entanto, teve um desfecho bastante trágico. Após ter seu pedido de liberdade negado, Belmira deu veneno para suas três crianças e se suicidou. Sendo assim, as histórias reconstruídas por Karine Teixeira Damasceno e aquelas que apareceram nos jornais e romances publicados ao longo da primeira década republicana apresentam elementos bastante próximos. Especialmente após 1871, também por causa da Lei do Ventre Livre, mulheres escravizadas passaram a enfrentar os tribunais em busca de liberdade ou para a manutenção da união de suas famílias. A luta pela liberdade, portanto, marcou a vida delas e deve ter servido de inspiração para que outras mulheres, já no pós-abolição, acreditassem em seus laços de afeto e na construção de suas famílias. No começo da República, elas logo perceberam que precisariam dar continuidade a essa luta. Se jornalistas e literatos tentaram transformar mulheres imigrantes e brasileiras

71 Sobre a luta de mulheres escravizadas por seus filhos após a assinatura da lei de 28 de setembro de 1871 (Lei do Ventre Livre), conferir: ARIZA, Marília B. A. **Mães infames, filhos venturosos: trabalho, pobreza, escravidão e emancipação no cotidiano de São Paulo (século XIX)**. São Paulo: Alameda, 2020. TELLES, Lorena Féres da Silva. **Teresa Benguela e Felipa Crioula estavam grávidas: maternidade e escravidão no Rio de Janeiro (1830-1888)**. São Paulo: Editora Unifesp, 2022. MACHADO, Maria Helena; BRITO, Luciana da Cruz; VIANA, Iamara da Silva; GOMES, Flávio dos Santos (org.). **Ventres livres? Gênero, maternidade e legislação**. São Paulo: Editora da Unesp, 2021.

72 DAMASCENO, Karine Teixeira. Uma fugitiva em família em busca da liberdade na “Cidade da Feira”. **Afro-Ásia**, Salvador, n. 64, 2021.

73 DAMASCENO, Karine Teixeira. Luiza e suas crianças ingênuas: duelo judicial e relações de compadrio em Feira de Santana, Bahia, 1871-1888. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 43, n. 92, 2023.

74 *Ibidem*, p. 157.

descendentes de escravizadas em sujeitos incapazes de cuidar de suas casas e de lutar por seus direitos no mundo do trabalho, foi possível observar, por meio da pesquisa que originou este artigo, que a capacidade delas de negociação e de usar antigas narrativas a favor daquilo que pretendiam extrapolavam as linhas repetitivas de narrativas, muitas vezes, carregadas de certo teor moralizante e cerceador.

Finalmente, Belmira e Bertoleza suicidaram-se quando não viram mais solução para a causa delas. Belmira era uma mulher que viveu na Bahia, no final da década de 1870. Bertoleza não passou de uma personagem criada por Aluísio Azevedo em 1890. A luta de mulheres escravizadas, no entanto, ecoava no pós-abolição. Compunha colunas apertadas de jornais e fermentava diálogos e cenas construídas para os romances. Mesmo quando aqueles homens de letras estavam informados pelo racismo científico e pelo modelo de organização de classe oriundo da Europa, suas narrativas não deixaram de iluminar histórias de mulheres que lutavam por suas casas, relacionamentos afetivos e familiares.

Recebido: 20/05/2023

Aprovado: 03/10/2023